



REABILITAÇÃO DE VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA- UMA VISÃO ALÉM DA LESÃO

Débora Sales de Moraes¹, Iasmim Martins de Sá², Maria Elisa Abreu Pereira³, Melissa de Souza Távora⁴, Caroline Lacerda Oliveira⁵.

¹ Graduanda em Fisioterapia, UNIFACIG, 2510196@sempre.unifacig.edu.br,

² Graduanda em Fisioterapia, UNIFACIG, 2510285@sempre.unifacig.edu.br,

³ Graduanda em Fisioterapia, UNIFACIG, mariaelisaabreu@5gmail.com,

⁴ Graduanda em Fisioterapia, UNIFACIG, 2510213@sempre.unifacig.edu.br,

⁵ Docente UNIFACIG, Mestre em Desenvolvimento Local, UNISUAM, Rio de Janeiro RJ, caroline.lacerda@sempre.unifacig.edu.br.

Palavras-chave: Escuta Ativa; Reabilitação; Empatia; Sensibilidade; Acolhimento.

INTRODUÇÃO

A violência, em suas múltiplas formas, constitui uma realidade persistente e alarmante em diferentes contextos sociais e culturais. Segundo a Organização Mundial da Saúde (2024), cerca de 4,4 milhões de pessoas morrem todos os anos em decorrência de lesões, sendo aproximadamente 1,25 milhão dessas mortes causadas diretamente por atos de violência. Esse cenário evidencia que a violência é mais do que uma questão de segurança pública — é um grave problema de saúde pública que exige ações integradas e humanizadas.

Na sociedade contemporânea, a violência é frequentemente silenciosa, invisibilizada ou até mesmo naturalizada. Suas consequências ultrapassam os danos físicos, afetando também a integridade emocional, a autonomia e a dignidade das vítimas.

Diante desse contexto, o presente projeto de extensão foi desenvolvido no âmbito da disciplina de Atividade Prática Supervisionada, com o intuito de promover uma reflexão crítica e propositiva sobre o papel da Fisioterapia na reabilitação de vítimas de violência.

O projeto, “Reabilitação de Vítimas de Violência: uma visão além da lesão”, surge da necessidade de ampliar o olhar fisioterapêutico para além da dimensão biomecânica do cuidado. A proposta parte do entendimento de que o profissional fisioterapeuta deve atuar não apenas no alívio de sintomas físicos e na reabilitação dos movimentos, mas também como agente de acolhimento, reconstrução e



valorização da dignidade humana.

A escolha pelo tema baseia-se na certeza de que a Fisioterapia pode e deve ocupar um espaço significativo na rede de apoio às pessoas em situação de violência, cooperando para sua recuperação física e mental. Reconhecer as dificuldades desse cenário implica compreender que as marcas deixadas pela violência nem sempre são visíveis, e que o tratamento delas requer sensibilidade, empatia e responsabilidade ética.

Neste sentido, o projeto propõe uma abordagem ampliada do cuidado fisioterapêutico, que considera a pessoa em sua totalidade — com sua história, seus traumas e seus direitos. A atuação do fisioterapeuta, portanto, é compreendida como uma ponte entre o cuidado técnico e o cuidado humano, comprometida não apenas com a recuperação funcional, mas também com a restauração da autonomia, segurança e dignidade das vítimas.

Este trabalho busca, assim, contribuir para o rompimento da invisibilidade que ainda cerca a temática da violência no campo da saúde e, especialmente, dentro da própria Fisioterapia. Ao abordarmos esse assunto, espera-se estimular uma prática mais consciente, acolhedora e comprometida com os princípios dos Direitos Humanos.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE EXTENSIONISTA

A atividade extensionista desenvolvida nesse projeto foi concretizada na Clínica Reabilitar, localizada no município de Espera Feliz. O espaço foi escolhido por se tratar de um ambiente de cuidado e acolhimento, no qual já se estabelece uma relação de confiança entre profissionais e pacientes, fator essencial para o êxito da ação proposta.

Durante a atividade, foi promovido um momento de escuta e diálogo com os pacientes atendidos na clínica. A abordagem foi conduzida de forma sensível e respeitosa, com o intuito de criar um ambiente acolhedor para a troca de informações e experiências. Como material de apoio, foi distribuído um panfleto informativo elaborado pelas alunas responsáveis pelo projeto, contendo uma frase de impacto, orientações sobre como e onde buscar ajuda em casos de violência, além de um QRCode que direcionava os leitores a um vídeo explicativo também produzido pelas alunas abordando o tema de forma clara e acessível.



Mais do que uma simples ação educativa, a proposta visava principalmente o acolhimento. A entrega do panfleto e o conteúdo do vídeo foram pensados não apenas para informar, mas para transmitir uma mensagem de apoio. A intenção foi mostrar às vítimas ou a qualquer pessoa em situação de vulnerabilidade que não estão sozinhas, que existem caminhos possíveis de superação e que a Fisioterapia pode desempenhar um papel importante nesse processo de reconstrução física, emocional e social.

Assim, a ação extensionista se consolidou como uma prática de cuidado ampliado, reafirmando o compromisso ético e social da Fisioterapia com a promoção da saúde, da dignidade e dos direitos humanos.

Figura 1 e 2:



Panfleto informativo criado pelas alunas com objetivo de promover a conscientização sobre o tema Reabilitação de Vítimas de Violência. (Fonte: Autoria própria, 2025)

Figura 3:



Registro das alunas com o fisioterapeuta da clínica, após a atividade. (**Fonte:** Autoria própria, 2025)

Figura 4:



Alunas durante a realização da ação de conscientização na clínica. (**Fonte:** Autoria própria, 2025)

DISCUSSÃO

Durante a realização da intervenção fisioterapêutica na clínica, foi possível compreender que a atuação do fisioterapeuta vai muito além da aplicação de técnicas reabilitadoras. No caso de pacientes vítimas de violência, essa percepção se torna ainda mais evidente, pois lidamos com indivíduos marcados por traumas físicos e emocionais, que exigem uma escuta atenta, respeito ao tempo de cada um e um olhar verdadeiramente acolhedor. O contato direto com os pacientes nos revelou que



aspectos como a escuta ativa, o acolhimento e a sensibilidade na comunicação têm impacto significativo no processo terapêutico.

Inicialmente, utilizamos uma abordagem mais técnica em nossa apresentação, mas rapidamente percebemos que muitos pacientes não conseguiam compreender ou se conectar com a mensagem transmitida. Essa constatação nos levou a uma importante reflexão: como tornar nossa fala mais acessível e significativa?

Adaptar nossa linguagem foi o primeiro passo. Passamos a utilizar exemplos do cotidiano, metáforas simples e uma abordagem mais leve e humanizada. Essa mudança permitiu uma conexão mais profunda com os pacientes, que passaram a se sentir não apenas atendidos, mas ouvidos e compreendidos. Percebemos que um simples “bom dia”, um aperto de mão ou um breve momento de conversa antes do atendimento era suficiente para transformar o ambiente terapêutico e fortalecer o vínculo entre paciente e profissional.

Esse processo nos fez compreender, na prática, a importância de enxergar “além da lesão”. Mais do que tratar dores físicas, o fisioterapeuta deve estar atento às histórias, às emoções e à realidade de cada indivíduo. O corpo que chega à clínica carrega marcas que não são apenas visíveis ele traz também dores emocionais, traumas e experiências que influenciam diretamente no tratamento e na resposta terapêutica. No caso de vítimas de violência, essas marcas são ainda mais profundas e exigem uma abordagem que respeite os limites do paciente e promova a confiança, pouco a pouco.

Ainda assim, é essencial lembrar que a base técnica da fisioterapia continua sendo um alicerce indispensável. A escolha dos recursos terapêuticos como cinesioterapia, eletroterapia, terapia manual, técnicas de relaxamento, entre outros deve ser feita com critério, respeitando a individualidade de cada caso e sendo constantemente reavaliada à medida que o tratamento evolui. A elaboração de um plano terapêutico específico, com metas claras e acompanhamento contínuo, permite que o cuidado seja não apenas sensível, mas também eficaz e cientificamente fundamentado.

A vivência também nos permitiu desenvolver habilidades interpessoais essenciais para a formação profissional. Ao compartilhar e debater nossas experiências entre os colegas, reconhecemos a importância da empatia, da escuta qualificada e da comunicação clara no atendimento. A interação com os pacientes nos trouxe um olhar mais humano e ético sobre a profissão, reforçando que a fisioterapia



não deve se limitar a protocolos, mas sim à construção de uma prática integrativa, onde técnica e sensibilidade caminham juntas. Além disso, compreendemos o valor do trabalho interdisciplinar, essencial no cuidado a vítimas de violência. A articulação com psicólogos, assistentes sociais e demais profissionais permite uma reabilitação verdadeiramente integral.

Essa experiência também nos aproximou de um compromisso ético com os Direitos Humanos, ao reconhecermos que o acesso à reabilitação humanizada é um direito fundamental, especialmente para pessoas em situação de vulnerabilidade. Há um número alarmante de pessoas que sequer percebem que estão vivendo em contextos de violência. Mais grave ainda é o fato de muitas não saberem que têm o direito de ser acolhidas e cuidadas. É nesse silêncio que a fisioterapia pode se tornar voz, uma presença ativa que informa, acolhe e reabilita. Por meio do toque, da escuta e do vínculo, podemos mostrar a essas pessoas que não estão sozinhas e que têm, sim, direito a um cuidado que respeite sua história e promova sua dignidade.

Dessa forma, a experiência foi não apenas enriquecedora, mas também transformadora. Ela nos mostrou que o fisioterapeuta não é apenas um aplicador de técnicas, mas sim uma presença ativa, capaz de promover saúde através do toque, da escuta e do cuidado. Um profissional que serve de ponte entre o sofrimento e a esperança, entre a dor e a possibilidade de cura física, emocional e social. Como futuros fisioterapeutas, saímos dessa realidade vivida conscientes de que nossa atuação deve ir além do técnico. Precisamos estar preparados para acolher e cuidar de pessoas em suas múltiplas dimensões, contribuindo não apenas com a recuperação física, mas com a restauração da dignidade e da esperança daqueles que foram feridos pela violência. E, acima de tudo, reconhecer que a fisioterapia, quando aliada ao conhecimento técnico e ao olhar humano, pode ser uma ferramenta de transformação de vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto representou muito mais do que uma etapa acadêmica ou um cumprimento de cronograma. Ele foi uma travessia. Uma jornada que ampliou, de maneira profunda, a nossa forma de enxergar o cuidado e de compreender o papel da Fisioterapia diante das dores que não são apenas físicas.

Ao longo dessa vivência, fomos tiradas do conforto do teórico e lançadas diante de realidades complexas, marcadas por histórias de sofrimento, de superação e,



sobretudo, de resistência. Percebemos que o cuidado, quando verdadeiro, exige muito mais do que conhecimento técnico. Ele demanda sensibilidade, presença genuína, escuta ativa e preparo emocional.

Cada relato que nos foi confiado — muitas vezes com a voz embargada, outras com um silêncio mais eloquente do que qualquer palavra — nos ensinou algo essencial: que cuidar não é apenas intervir, mas estar. Estar com o outro, estar disponível, estar atento. É reconhecer a pessoa em sua totalidade, e não apenas em sua queixa ou diagnóstico.

Foi com essa consciência que passamos a valorizar profundamente o poder de um gesto simples: um olhar que acolhe, uma escuta que não julga, uma palavra que conforta, um toque que respeita. Pequenas atitudes que, dentro do contexto certo, têm o potencial de transformar, de reconstruir vínculos e restaurar confianças perdidas.

Ao nos aproximarmos dessas histórias, percebemos que muitas vezes a violência se manifesta de formas sutis e silenciosas — na negligência, na indiferença, na ausência de cuidado humanizado. E é justamente aí que a Fisioterapia encontra seu lugar mais potente: onde a violência feriu, o toque terapêutico pode curar. Não apenas músculos ou articulações, mas partes da alma que estavam adormecidas, retraídas, esquecidas.

Por tudo isso, encerramos este ciclo reafirmando a frase que nos acompanhou desde o início, e que agora se tornou ainda mais viva e significativa para nós:

"A Fisioterapia toca onde a violência feriu."

Essa frase deixou de ser apenas uma ideia inspiradora. Ela se tornou um compromisso. Um lembrete constante de que o nosso papel vai muito além do corpo físico — ele alcança o humano em sua essência. E, a partir disso, seguimos em frente, mais conscientes, mais sensíveis e, acima de tudo, mais preparadas para cuidar com verdade.

REFERÊNCIAS

CONSELHO FEDERAL DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL (COFFITO). Resolução nº 424, de 8 de julho de 2013: Código de Ética e Deontologia da Fisioterapia. Diário Oficial da União: seção 1, n. 147, p. 146, 1 ago. 2013. Disponível em: https://www.coffito.gov.br/nsite/?page_id=2346. Acesso em: 03 de maio de 2025.



GRUPO ELFA. Direitos humanos e saúde: qual a relação? Grupo Elfa, 21 ago. 2023. Disponível em: <https://grupoelfa.com.br/noticias/elfa/direitos-humanos-e-saude-qual-a-relacao/>. Acesso em: 3 maio 2025.

PARANÁ. Secretaria da Saúde. Atenção à Saúde das Pessoas em Situação de Violência. Governo do Estado do Paraná, [s.d.]. Disponível em: <https://www.saude.pr.gov.br/Pagina/Atencao-Saude-das-Pessoas-em-Situacao-de-Violencia>. Acesso em: 3 de maio 2025.

WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO. Injuries and violence: the facts. Geneva: World Health Organization, 2024. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/injuries-and-violence>. Acesso em: 14 jun. 2025.